

CARLOS CAMPANIÇO

# MAL NASCER



# I

Começa a ser setembro. Fecho a janela da sala olhando como o sol vagaroso do fim da tarde esmoreceu nos céus de agosto. O vento é agora fresco e faz rodopiar alguns dos papéis postos em contingência apressada sobre a secretária.

Este vento quebra o sossego de pedra depositado pelas calmas de verão. Tudo é seco ainda, e amarelo, como um livro de papel que libou sóis de muitos anos, mas veio até cá uma aragem buliçosa e tépida, que pôs uma nova ordem nesta terra quieta. Às vezes passam fugazmente embrulhos de ervas secas arrancados ao chão, molhos de cardos saltitantes, ramos voadores, todos magnetizados por esta força invisível.

A praça, vista deste primeiro andar, tem um ar de quintal. As sombras, puídas pelas conversas da última luz, parecem fundos buracos por onde se volta do passado. As árvores arrepeladas até às pontas dos paus secos defrontam a aragem de tronco cheio, como forçados solitários em arenas de exaltação. Esta impetuosidade varre tudo com pó e os poucos homens que saem à rua levam a mão sobre a cabeça, para que os chapéus lhes não abalem três quintais para lá da praça. Parecem tão submissos agora como quando passa Albano Chagas. Fecho a janela ao mesmo tempo que alguém me chama o nome que não tenho. Doutor sai-lhes da boca

com a reverência de quem pede. Nesta vila de almas desamparadas, já entendi que ser médico é ser antes de deus.

Afianço que este prédio serve perfeitamente para instalar o consultório. Não há outro lugar de melhor posição do que uma sala virada para a praça, olhando as novidades da vila, sabendo quem passa, e de rara centralidade. Concordo com todos os valimentos demonstrados por Francisco Camacho, o proprietário, a quem o juiz e presidente da câmara, Albano Chagas, pediu para mostrar a casa, pois que a médico novo não falte nenhum cuidado, e este casarão desabitado será à medida da minha distinção.

Albano Chagas é o homem mais rico da vila, isso eu sabia, mas não que era também o juiz e o presidente da câmara. É bem certo que o seja, pois nestas vilas de campo o juiz não tem de saber de leis, nem de letras, basta ter o respeito que mete ou o medo que manda meter. E não contente, é também o mandante da câmara, e pelas mesmas razões. Dão de nome aos presidentes e aos seus vereadores gente nobre da governança da terra, eu chamar-lhes-ia, por coisa de meter graça, gente da cagança por ter terra. Este Portugal é uma tirania dos senhores locais e enquanto os liberais não tomarem o país não sairemos desta ignorância de medos.

Como em tudo nesta terra, Albano Chagas manda também na saúde. E conta-me que foi ele próprio a comunicar aos seus vereadores que um cirurgião não era suficiente para a vila, pois Tomás Gabriel, assim se chama o que existe, é homem de poucos conhecimentos, não sabe ler ou escrever e, além de uns sangramentos e de uns dentes arrancados a pouco jeito, não sabe preceito que seja para estancar as epidemias que assolam a terra.

De divisão em divisão da casa, um cortejo de gente ilustre da vila acompanha as palavras de Francisco Camacho, entre eles, os três vereadores da câmara, homens de muito poder que receberam este cargo por bondade de Albano Chagas e

direitos de sucessão. De pronto me transmitem que será a câmara a pagar a renda do edifício ao senhor Camacho, que é sua obrigação perante o médico de partido municipal. Como disse que sim, está o escrivão da câmara a redigir o contrato de arrendamento para que o presidente e Francisco Camacho o assinem com o bico de uma pena molhada em tinta, e que com ele façam as suas cruces.

Estou acabado de tantos tombos da viagem e recuso um convite para ir a casa do homem mais poderoso de vontades que se conhece aqui, para grande contrariedade do empenhado. A carruagem que me trouxe da capital do reino até esta vila era vagarosa como só o caminho que tinha por diante. Levei três dias vestido em pó, suado como nunca, debaixo desta roupa de exibição pública e agora apetece-me tomar um banho e descansar.

Albano Chagas não é homem de derrotas, já sei, e exige que jante com ele, mandando vir, ao mesmo tempo, uma quadrilha de serviçais para que sacudam a viuvez e o pó dos móveis, lavem chãos e mudem roupas de camas, nesta casa que será a minha. Há anos que mando escrever cartas a pedir um médico para esta terra, doutor, agora que cá está não o deixaremos ir por insatisfação de trato, profere com uma gargalhada. Digo-lhe que sim, agradecido que me faço, e um pouco mais ainda. Pergunto-lhe onde posso mandar fazer uma placa que identifique o consultório médico e de pronto é chamado o ferreiro António do Carmo, que amanhã mesmo a trará cortada e gravada, nova a tempo de se inaugurar o consultório. Inaugurar? Não se preocupe com isso, doutor Santiago Barcelos, que é assunto já nas mãos de dona Odélia Chagas e só ela o fará com tanto gosto.

Depois da azáfama das limpezas, fico a sós comigo, com esta casa de primeiro andar e com esta vila. Pronuncio o nome Santiago Barcelos, o meu nome aqui, mas cada sílaba me sabe a falso, a nome posto por arrogância de vida nova,

e envergonho-me de pensar na tristeza que teria minha mãe se pudesse ouvir chamar-me assim. Sento-me na cama, os cotovelos nas pernas, as mãos na cara e o pensamento que vai e vem, vertiginosamente. Concluo que tenho de revelar a Albano Chagas e a dona Odélia quem sou. Mesmo que me desprezem, nesta vila onde mandam mais, ou me façam abalar para longe, serei sempre Santiago Bento, filho de António Bento, filho de sangue de ceifeiras e geadas de inverno.

De banhito tomado, sinto-me outro homem, mas nem a água morna me dá paz que baste para descansar os olhos. Ainda é de tarde e quero olhar as ruas e as gentes desta terra. Depressa se espalhou que cheguei, chegou o novo médico, dizem. Espero que venham atestar como estou parecido com meu pai, ou o quanto mudei desde criança, que ainda se lembram de minha mãe ou qualquer coisa assim que os faça ligarem-se a mim pela parte boa da memória. Assim faço, enquanto a tarde não foge que agora se encolhe de luz mais cedo. Desço as escadas de casa e saio à rua. Logo dois homens levantam o chapéu e me cumprimentam com veneração, depois destes, outros do mesmo modo, e a seguir outros assim fazem, e sempre com a mesma deferência. Reparo que não há viva alma que saiba quem sou. Já sei, vou passar pela loja do Chico Caixeiro, que pai ou filho me reconhecerão. Atende-me o Chico filho, está gordo, tanto que lhe sai a barriga por baixo da camisa e do colete. Pergunto por seu pai, para ver se me identifica de voz, mas sai-lhe de pronto uma resposta à Chico Caixeiro, bruta em todo o seu esplendor: Se o quiser ver, vá ao cemitério! Não mexe uma ruga gorda na sua cara, depois de mo dizer. Fico sem saber o que falar perante esta descoberta e só me ocorre agradecer e sair, sem ter coragem para mais. Devia ir lá dentro agora e dar-lhe um abraço, mas dir-lhe-ei mais tarde, quando todos souberem quem é o novo médico da vila. Nessa altura, por zombaria, meter-me-ei com ele por não me ter sabido reconhecer.

A caminho da casa do presidente Albano Chagas encontro Manel Grande, um mestre pedreiro que conheci bem. É um velhinho de cajado, que arroja os pés neste pó de fim de verão para se ir chegando às sopas. Encurvado de costas, fraco de braços e vacilante de pernas, é uma sombra do homem robusto que foi. O tempo aqui parece ter consumido toda a carne à sua passagem. Pergunto-lhe como vai. O velho homem sorri para mim e, enfim, penso que alguém me identificou na vila da minha infância. Vou andando, senhor, com dores em todo o lado. Quem me dera ter a sua idade. Mande cumprimentos à família, roga enquanto se afasta, preso de gestos, preso de passos. Por certo, confundiu-me com outro.

Bato à porta da casa da família Chagas e penso como conheço bem estas paredes. Levo um nervoso miudinho dentro de mim, dentro do bolso do casaco onde meto uma das mãos, porque tenho a sensação de que Maria Luísa, a filha do lavrador, saberá de imediato quem sou, à custa das horas que brincámos juntos. Sou recebido por uma criada que me guarda o chapéu e a bengala e me leva à sala onde me esperam os patrões. Dou com os olhos em Maria Luísa e deixo-os presos nos seus caracóis louros. Tem a pele cuidada e demora-se em gestos educados. É uma mulher bonita, de cintura leve e sorriso atraente. Não percebo porque ainda não se casou. Não que mo tenham dito, no entanto, se fosse casada teria aqui filhos e marido, mas não, está sozinha e não tem aliança no dedo que o adivinhe. Dona Odélia e Albano Chagas insistem para que me sente e lhes faça companhia até o jantar ser servido. Não os supunha tão delicados depois de saber do que são capazes. Também não julgava que Maria Luísa se tornasse uma mulher tão bem-parecida e agora incomoda-me fazer força para a não olhar. De tão mimosa, apetecia-me admirá-la as vezes que fossem necessárias até capturar a simpatia dos seus lábios. Aparentemente, não me reconheceu ou então não terá ainda certezas, talvez porque mal me olha.

Temo a reacção de Albano e dona Odélia, quando souberem quem sou, mas não pensei forma melhor de lhes declarar toda a verdade do que neste jantar de boas-vindas. Já que Maria Luísa não se antecipou à minha revelação, o mais acertado será dizer-lho no fim da refeição.

Comida boa, esta, a da casa dos Chagas, o vinho é de fruta desta terra e os doces são de mel. Durante o jantar, falámos da minha tardia chegada a esta vila, por exemplos de gente que morreu à falta de um médico. Contam-me como se vive aqui, não sei se de propósito, depois de me terem contado do que se morre. Sou muito atento, bebendo das conversas ao mesmo tempo que do vinho, sem que isso me impulsione a revelar quem sou. Espero que sirvam o café, enquanto ouço a voz de Maria Luísa pela primeira vez. São um fiozinho de doçura, capaz de adormecer uma criança, as palavras vindas de sua boca para pedir a uma das criadas que levante os pratos.

Pergunto a Albano há quanto tempo é juiz e presidente da câmara desta terra, porque, sem lho dizer, não soube que o fosse no tempo da minha infância. Treze anos doutor, afirma. Desde o dia em que o meu falecido pai morreu e me deixou esta cruz, que esta terra é uma cruz que trago às costas. Eu finjo que entendo o seu empenho.

Entre uma xícara de café e uma aguardente cor de mel, Albano Chagas puxa de um charuto e oferece-me outro. Anuncio com toda a simpatia que não fumo. Logo depois, há uma nuvem no ar que esconde as feições de Maria Luísa e adensa o receio que tenho de anunciar quem sou. Que idade tem, doutor Barcelos?, pergunta-me o lavrador. Tenho vinte e oito anos, senhor, respondo, com a mesma satisfação que a de uma puxada com o ás de trunfo. Vinte e oito... vinte e oito anos, repete Albano, levando a mulher a um tempo distante. Sabe, doutor, teríamos um filho com essa idade agora, se o não tivessem matado em criança, socorre dona Odélia

à pausa do marido. Lamento muito, minha senhora, falo eu de verdadeira voz. Contudo, com este ar de fumo e de pesar, não sei se serei capaz de dizer que sou Santiago, filho de António Bento e de minha mãe. Vejo que ainda há ódios pendurados nas suas palavras, teias de aranha de revoltas que o tempo e as limpezas diárias não sacudiram cá de casa. Passamos o resto do serão na sala de estar, enquanto as mulheres bordam o tempo, cosendo as nossas conversas, dando ponto nas minhas revelações e anseios, mas nem uma vez Maria Luísa ergue os olhos para mim.

Chego a casa, dormente de corpo e aflito de explicações, por fazer perdurar a farsa. Parece-me, com espírito de concordância, que nenhum momento é o perfeito para iniciar um alvoroço tamanho. Deito-me em cima da cama e sinto uma paz que é de sono. Começa-me a anoitecer nos olhos, lembrando-me o quanto cismeï voltar a dormir na terra que é a minha.

Agora é manhã clara, lavada por uma luz recente, que me deixa acordado logo cedo. Dormi em cima da cama, com a roupa que trago no corpo, e nem presteza de raciocínio tive para me deitar debaixo dos lençóis. Seja como seja, hoje pareço outro, reparado de descanso; mas logo percebo que não tenho uma côdea de pão em casa para mastigar, nem quem me faça o almoço logo mais ou me lave a roupa quando tirar o último trapo da mala. Sem angústias que se vejam, penteio o cabelo o mais que posso, aparo a barba e mudo de roupa. Colhido por uma ideia repentina, saio de casa acompanhado da minha maleta de médico.

Olho a praça com um vagar que é ainda de saudade. Estes recantos e travessas, ruas e largos, continuam a ser os meus passos. Em Lisboa, nunca senti com afecto uma rua que fosse; nunca descanseï, num jardim, uma hora à tardinha, sentado com o ócio dos que amam a terra onde põem os pés; nunca disse, minha terra; nem lhe chameï minha casa;

e tampouco bebi o sal de uma lágrima na hora da despedida. Nunca madrasta, Lisboa também não pôde ser minha mãe. Há um lugar certo para tudo, pensava. Pois, é aqui na vila que ouço o tambor do meu coração. Devia ter-me livrado de medos e vindo logo para cá, assim que recebi o diploma da formatura. No entanto, se não fosse a política e Augusta, estaria ainda em Lisboa, flutuando nas memórias da minha infância, evitando a toma do único remédio que me pode salvar o coração.

Não sei quem é uma velhinha que me dá a mão. O senhor é o novo médico, não é? Sou, confirmo. Por favor, senhor doutor, vá ver a minha irmã Rosa, que não se levanta da cama há um mês! Digo que vou, sem mais. Como se chama, senhora? Maria Raimundo, senhor doutor. Lembro-me dela e sei que tem seis filhas e é casada com o Trinta Moscas, conhecido assim por mau nome. Na mesma rua, assisto mais três acamados, embora um deles não sobreviva a mais uma noite. Logo, de outras ruas, vêm dizer-me que a mãe ou o marido estão muito mal. Vou. O meu peito está cheio de uma coisa boa. Foi um santo que nos caiu do céu, senhor doutor!, proferem, cercando-me com suas aflições. É já hora para lá do almoço e ainda não comi senão um copo de água. Já visitei treze casas e mais do que esse número de doentes. Parece que alguns nunca tinham avistado um médico. Talvez assim seja. Mas o que acho mais incrível é que ninguém veja que sou Santiago Bento.

Antes de ir para casa, faço por cumprir o meu desejo matinal. Sigo até à minha antiga rua, porque preciso de avistar a casa onde vivi com minha mãe, como se precisasse de ar nos pulmões. O coração exalta-se como se fosse haver uma revelação. Quando estou próximo da casa, vejo que o postigo está aberto. Mora lá gente. Quem será? Lembro-me de que pode ser Vitório, pois que bicho ruim não morre cedo. Pula-me o coração ainda mais. Nisto, sai de

sua casa uma mulher que bem conheço: é Amália, vizinha e amiga de minha mãe. A pele já não é a mesma, mas são-no os olhos vivos. Ela olha-me atentamente. Pára-se à porta de casa para me ver passar. Tenho uma vontade enorme de lhe dar um abraço e lhe contar quem sou. Viro-me para trás, perguntando se tem alguém doente em casa. Doente, não, responde-me, ainda com a sua prontidão intacta de mulher expedita. O senhor é o novo médico que estava para chegar, não é? Aceno que sim. Aqui em casa, a nossa doença é a fome que também nos vai matando aos poucos, confessa sem pejo. Talvez possa ter remédio para isso, respondo-lhe. Então, pergunto-lhe se sabe cozinhar, limpar e passar a ferro, para não parecer demasiado declarada a ideia súbita que me ocorreu. Penso que ela não me reconhecerá enquanto eu não lho revelar. As feições de homem, a barba negra e a dicção alfacinha impossibilitam-na de me identificar. Pergunto-lhe, depois, se quer ir trabalhar para minha casa, a começar logo amanhã. Ela agarra-me as mãos e chora uma confissão que me arrepia, aclarando que não comem quase nada há três dias. Chora-me as mãos e faz-me entupir os olhos de lágrimas. Quando se levanta, mira-me, muito espantada pela minha compaixão.

Amália bate à porta, mas ainda são só seis da manhã. Irra, Amália! Bem podias deixar-me dormir um pouco mais, penso com uma voz que, a ouvir-se, deveria ser seca como pó. Tenho de me mentalizar para lhe chamar senhora Amália, pelo menos até que dure este embuste, pois sei que é mulher de olho muito esperto e logo descobrirá quem sou, antes de eu ter coragem de dizer a Albano Chagas e a dona Odélia. Apresentado nas devidas ordens, abro-lhe a porta e mando-a entrar. Ela fá-lo com humildade, cabeça baixa, bom-dia dado baixinho. Fica à espera das minhas disposições sobre o seu trabalho, mas não sei bem que lhe diga. Informo-a de que no rés-do-chão ficará o consultório e que os quartos estão no primeiro andar. Entrego-lhe uma das chaves da

porta da rua e dinheiro bastante para que apinhe a despensa. Duas são as ordens, sem ordem de posição. Uma para que se compre tudo, e sempre, na loja do Chico Caixeiro; outra para que faça um avio para si, a fim de que abale no vento a fome que se instalou em sua casa. Olha-me muito séria e, de cabeça baixa, agradece-me repetidamente e a meia-voz.

Volto a deitar-me, mas já não prego olho, discernindo a melhor altura de me dar a conhecer. Entrevejo que ao abrir o consultório será mais difícil a Albano Chagas enxotar-me de novo para Lisboa. Horas depois, ouço a porta fechar-se por umas mãos que não as minhas. Amália vai à loja fazer as compras que lhe pedi e eu levanto-me.

Ontem, com um paletó citadino e chapéu alto de aristocrata, anunciei-me às gentes como o médico que estava para vir. Foi como se um apregoador o fosse dizendo, um pouco antes da minha passagem. Hoje não é preciso tanto. Assim que ponho as botas no chão da rua há um homem e uma mulher que esperam por mim. Senhor doutor, preciso que vá ver o meu menino que se morre de febres, Jesus! O homem, por seu turno, aperta o chapéu contra o peito e diz que a mulher não pára de sangrar das partes e se esvazia de sangue daqui a pouco. Acudo primeiro à mulher doente. Minha mãe, penso. Quem me dera que pudesse ter salvado minha mãe como posso salvar esta mulher. Corro a passo apressado para lá.

Não sei se ela se salvará, tem as entranhas destroçadas depois de mais este desmancho de criatura que aí vinha para passar tão mal. Venho vê-la mais à tarde. Não a deixarei à míngua de cuidados. Espero, ainda, que o bebé que examinei a seguir reaja bem aos medicamentos que lhe dei. Depois de acudir aos pedidos, vejo outras ruas, outras partes da vila que ainda não tinha revisitado, e nelas as caras da minha infância amarrotadas pelos anos, passando por mim sem me dizerem uma alegria ou um medo sobre o meu regresso.

Chego a casa e já Amália faz o almoço. É perfumado o seu tempero. Peço-lhe que me ajude a empurrar a secretária até uma sala onde fabricarei o consultório médico. Não consigo deixar de pensar em minha mãe, olhando-lhe para os olhos, olhando para o que foi o nosso tão chegado passado. Vejo que se incomoda por a olhar com tanta saudade.

A refeição é servida cedo, que tenho muita fome e ando com ganas desta comida de cá. Peço a Amália que ponha um prato para si e se sente comigo à mesa. Ela pensa que não é certo, que sempre as criadas comeram depois dos patrões. Eu insisto, exijo, e, por fim, ela concede. Peço-lhe que me conte como é a vila e as suas gentes. Sei que o único defeito que Amália tem é ser frouxa de boca. Se ela abre o talento que tem na língua, saberei do que é público e do que se julga privado. Preciso desta confissão, porque me interessa saber como andam as coisas por aqui.

Menos acanhada a falar do que a comer, revela-me que há uma fome semeada na vila, que os ricos não acodem a ninguém, que o padre é um velho autoritário e que esta terra está tão parada que não há novidades de espécie que se veja. Pergunto-lhe como são Albano Chagas e dona Odélia, que me receberam como a um príncipe. São como os outros ricos, desenrolha, sem se adiantar mais, temendo falar excessivamente por me crer íntimo do lavrador e de sua mulher. É isso, não é, Amália?, penso eu, enquanto mastigo.

Depois do almoço, recebo um recado de Albano Chagas para que o visite a seguir ao jantar. Sei que são os caprichos de dona Odélia, a fatora da festa, que me chamam a sua casa. Penso que devia ir lá e contar-lhe toda a verdade e tantas coisas que guardo em mim, mas a cada hora passada fica mais difícil dizer-lhes quem sou. Acordo comigo próprio que a revelação não ficará muitos dias para lá da inauguração do consultório.

Enquanto leio na sala, vejo Amália nos seus afazeres. Olho-a e prolongo nela a memória que tenho de minha mãe.

Lembro-me de como eram amigas e de como era difícil aquele viver. O vulto de Amália torna-se indistinto e o passado entorna-se no ambiente familiar que ela me trouxe. Mas, enquanto estou longe, Amália está parada, com olhos vivos de coruja. São trejeitos de quem se insurge. Pensa que a cobiço enquanto mulher, por notar que a miro muitas vezes. Vejo que a incomodo e desvio a atenção para o livro que jaz de inutilidade em minhas mãos. Não me lembro de uma só linha das que li.

Começa a ser difícil ir a casa dos Chagas, penso que foi um erro sem cálculo não ter exposto quem era assim que pus os pés nesta terra. O céu, que se encarrapita por cima de mim, pesa-me nas costas e aperta-me contra este chão de lágrimas. Não suporto disfarce tão grande. Ainda assim, vou às horas a que Albano indicou. Levo a minha pose aristocrata, as minhas vestes de cidade, o meu sorriso de sujeito bem-sucedido, a minha mentira debaixo da pele. O único alívio que tenho é pensar que Maria Luísa estará na sala, elevada pelo dourado do seu cabelo, quase indistinto do amarelo invasor da luz de candeeiro. Penso que aquela figurinha desinteressante de outrora está uma mulher completa, capaz de criar em mim aquele entusiasmo próprio das novidades femininas.

Albano Chagas vem receber-me à porta. Nos telhados altos da casa ouvem-se as suas palavras graves e os passos dos nossos pés parecem pousados com o dobro da força. Foi sempre assim, esta casa, acanhando os visitantes. Esperava eu que as urgências da inauguração do consultório médico fossem o licor do serão, mas assim não é. Dona Odélia toma a palavra e, num tom de desvelo, que se suporia de amizade antiga, avisa-me para que não me deixe levar pelo paleio deste povo, que se faz de doente como se estivesse à morte, de tão fingido que é. E continua a elucidar-me que há já por aqui, entre as pessoas de bem da vila, quem me critique por andar